

OS PRIMEIROS-MINISTROS DE PORTUGAL
1820-2020

Nas comemorações dos 200 anos da Revolução Liberal do Porto de 1820



REPÚBLICA
PORTUGUESA

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
DE MINISTROS



CEPESE

Os Primeiros-Ministros de Portugal

1820-2020

VOLUME I

I. Primeiros-Ministros de Portugal (1820-2020)
Enquadramento histórico, jurídico e sociológico

II. «Chefes de Governo» desde a Revolução Liberal do Porto
à instauração definitiva do Liberalismo (1820-1834)

III. Presidentes do Conselho de Ministros
na Monarquia Constitucional (1834-1910)

Coordenação

Fernando de Sousa
Conceição Meireles Pereira

Organização

Isilda Monteiro

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 8 |
| I. Primeiros-Ministros de Portugal (1820-2020) – Enquadramento histórico, jurídico e sociológico | 20 |
| 1. A lenta afirmação do cargo de Primeiro-Ministro em Portugal (1820-1855) | 21 |
| 1.1. Os «Chefes de Governo» desde a Revolução Liberal do Porto à instauração definitiva do Liberalismo (1820-1834) | 21 |
| 1.1.1. O Vintismo (1820-1823) | 22 |
| 1.1.2. D. João VI, rei absoluto (1823-1826) | 31 |
| 1.1.3. O Primeiro Cartismo (1826-1828) | 33 |
| 1.1.4. O Absolutismo Miguelista (1828-1834) | 37 |
| 1.1.5. O Governo Provisório e a Regência Liberal em nome de D. Maria II (1828-1834) | 39 |
| 1.2. A instituição <i>de facto</i> do cargo de Presidente do Conselho de Ministros (1834) | 46 |
| 1.3. A instituição <i>de jure</i> do cargo de Presidente do Conselho de Ministros (1855) | 53 |
| 2. O Primeiro-Ministro no Constitucionalismo Português | 62 |
| 2.1. As experiências constitucionais em Portugal | 62 |
| 2.1.1. Os órgãos de Estado | 63 |
| 2.1.2. As funções de Estado | 69 |
| 2.1.3. Os sistemas de Governo | 70 |
| 2.1.4. As práticas políticas | 70 |
| 2.2. O órgão constitucional Primeiro-Ministro em Portugal (1820-2020) | 71 |
| 2.2.1. Os Presidentes do Conselho de Ministros no Constitucionalismo Monárquico (1820-1910) | 74 |
| 2.2.1.1. A Constituição de 1822 | 74 |
| 2.2.1.2. A Carta Constitucional de 1826 | 78 |
| 2.2.1.3. A Constituição de 1838 | 82 |
| 2.2.2. Os Presidentes do Ministério na Primeira República (1910-1926) | 87 |
| 2.2.3. Os Presidentes do Ministério na Ditadura Militar (1926-1933) | 92 |
| 2.2.4. Os Presidentes do Conselho de Ministros no Estado Novo (1933-1974) | 92 |
| 2.2.5. Os Primeiros-Ministros em Democracia (1974-2020) | 97 |
| 2.2.5.1. O interregno militar (1974-1976) | 97 |
| 2.2.5.2. A Constituição de 1976 e a compressão funcional do Primeiro-Ministro (1976-1982) | 100 |
| 2.2.5.3. A transição constitucional de 1982 e a supremacia funcional do Primeiro-Ministro (1982-2020) | 109 |
| 3. Contributos para uma análise sociológica dos Primeiros-Ministros de Portugal (1834-2020) | 124 |
| 3.1. Duração e número de mandatos por Primeiro-Ministro | 128 |
| 3.2. Forma de aquisição e término do mandato de Primeiro-Ministro | 136 |

| | |
|--|-----|
| 3.3. Naturalidade | 141 |
| 3.4. Idade à data de início de funções | 143 |
| 3.5. Primeiros-Ministros titulados | 145 |
| 3.6. Atividade profissional | 148 |
| 3.7. Formação académica | 152 |
| 3.8. Percurso político | 155 |
| Quadro sinóptico — Chefes de Governo e Primeiros-Ministros de Portugal (1820-2020) | 170 |

II. «Chefes de Governo» desde a Revolução Liberal do Porto à instauração definitiva do Liberalismo (1820-1834) **200**

| | |
|--|-----|
| António da Silveira Pinto da Fonseca, 1.º visconde de Canelas (24.8.1820-27.9.1820) | 202 |
| Gomes Freire de Andrade (27.9.1820-30.1.1821) | 204 |
| Manuel António Maria Baltasar de Sampaio Melo e Castro Moniz Torres de Lusignan, 2.º conde e 1.º marquês de Sampaio (30.1.1821-4.7.1821) | 206 |
| Manuel Inácio da Costa Quintela (4.7.1821-7.9.1821) | 208 |
| Filipe Ferreira de Araújo e Castro (8.10.1821-1.6.1823) | 210 |
| Manuel Inácio Martins Pamplona Corte Real, 1.º conde de Suberra (1.6.1823-15.1.1825) | 212 |
| José Joaquim de Almeida e Araújo Correia de Lacerda (15.1.1825-1.8.1826) | 215 |
| Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato (1.8.1826-6.12.1826) | 217 |
| Luís Manuel de Moura Cabral (6.12.1826-16.12.1826) | 219 |
| Francisco Alexandre Lobo, bispo de Viseu (16.12.1826-8.6.1827) | 221 |
| Manuel Francisco Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa, 2.º visconde de Santarém (8.6.1827-5.9.1827) | 223 |
| Carlos Honório de Gouveia Durão (5.9.1827-26.2.1828) | 226 |

GOVERNO MIGUELISTA

| | |
|--|-----|
| Nuno Caetano Álvares Pereira de Melo, 6.º duque do Cadaval (26.2.1828-1.7.1831) | 228 |
| José António de Oliveira Leite de Barros, 1.º conde de Basto (1.7.1831-4.8.1833) | 231 |
| António José Guião (22.9.1833-26.5.1834) | 233 |

REGÊNCIA LIBERAL

| | |
|--|-----|
| Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque (15.3.1830-2.7.1831) | 235 |
| José António Ferreira Brak-Lamy (2.7.1831-10.10.1831) | 239 |
| José Dionísio da Serra (10.10.1831-3.3.1832) | 242 |
| Pedro de Sousa Holstein, 1.º conde, 1.º marquês e 1.º duque de Palmela (3.3.1832-10.11.1832) | 244 |
| Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque (10.11.1832-12.1.1833) | 245 |
| Cândido José Xavier Dias da Silva (12.1.1833-15.10.1833) | 245 |
| Joaquim António de Aguiar (15.10.1833-23.4.1834) | 248 |
| Bento Pereira do Carmo (23.4.1834-24.9.1834) | 248 |

| | |
|--|------------|
| III. Presidentes do Conselho de Ministros na Monarquia Constitucional (1834-1910) | 252 |
| Pedro de Sousa Holstein, 1.º conde, 1.º marquês e 1.º duque de Palmela (24.9.1834-28.4.1835) | 256 |
| Vitório Maria Francisco de Sousa Coutinho Teixeira de Andrade Barbosa, 2.º conde de Linhares (4.5.1835-27.5.1835) | 280 |
| João Carlos Gregório Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira e Daun, 1.º conde, 1.º marquês e 1.º duque de Saldanha (27.5.1835-18.11.1835) | 288 |
| José Jorge Loureiro (25.11.1835-19.4.1836) | 316 |
| António José de Sousa Manuel e Meneses Severim de Noronha, 7.º conde e 1.º marquês de Vila Flor e 1.º duque da Terceira (19.4.1836-10.9.1836) | 332 |
| José Manuel da Cunha Faro Meneses Portugal da Gama Carneiro e Sousa, 4.º conde de Lumiares (10.9.1836-4.11.1836) | 352 |
| Bernardo de Sá Nogueira e Figueiredo, 1.º barão, 1.º visconde e 1.º marquês de Sá da Bandeira (5.11.1836-1.6.1837) | 360 |
| António Dias de Oliveira (2.6.1837-10.8.1837) | 388 |
| Bernardo de Sá Nogueira e Figueiredo, 1.º barão, 1.º visconde e 1.º marquês de Sá da Bandeira (10.8.1837-18.4.1839) | 400 |
| Rodrigo Pinto Pizarro Pimentel de Almeida Carvalhais, 1.º barão de Ribeira de Sabrosa (18.4.1839-26.11.1839) | 412 |
| José Lúcio Travassos Valdez, 1.º barão e 1.º conde de Bonfim (26.11.1839-9.6.1841) | 428 |
| Joaquim António de Aguiar (9.6.1841-7.2.1842) | 442 |
| Pedro de Sousa Holstein, 1.º conde, 1.º marquês e 1.º duque de Palmela (7.2.1842-9.2.1842) | 456 |
| António José de Sousa Manuel e Meneses Severim de Noronha, 7.º conde e 1.º marquês de Vila Flor e 1.º duque da Terceira (9.2.1842-20.5.1846) | 462 |
| Pedro de Sousa Holstein, 1.º conde, 1.º marquês e 1.º duque de Palmela (20.5.1846-6.10.1846) | 472 |
| João Carlos Gregório Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira e Daun, 1.º conde, 1.º marquês e 1.º duque de Saldanha (6.10.1846-28.4.1847 e 18.12.1847-18.6.1849) | 480 |
| António Bernardo da Costa Cabral, 1.º conde e 1.º marquês de Tomar (18.6.1849-26.4.1851) | 496 |
| António José de Sousa Manuel e Meneses Severim de Noronha, 7.º conde e 1.º marquês de Vila Flor e 1.º duque da Terceira (26.4.1851-1.5.1851) | 516 |
| João Carlos Gregório Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira e Daun, 1.º conde, 1.º marquês e 1.º duque de Saldanha (1.5.1851-6.6.1856) | 522 |
| Nuno José Severo de Mendonça Rolim de Moura Barreto, 9.º conde de Vale dos Reis, 2.º marquês e 1.º duque de Loulé (6.6.1856-16.3.1859) | 536 |
| António José de Sousa Manuel e Meneses Severim de Noronha, 7.º conde e 1.º marquês de Vila Flor e 1.º duque da Terceira (16.3.1859-26.4.1860) | 556 |
| Joaquim António de Aguiar (1.5.1860-4.7.1860) | 564 |
| Nuno José Severo de Mendonça Rolim de Moura Barreto, 9.º conde de Vale dos Reis, 2.º marquês e 1.º duque de Loulé (4.7.1860-17.4.1865) | 570 |

| | |
|---|------|
| Bernardo de Sá Nogueira e Figueiredo, 1.º barão, 1.º visconde e 1.º marquês de Sá da Bandeira (17.4.1865-4.9.1865) | 578 |
| Joaquim António de Aguiar (4.9.1865-4.1.1868) | 586 |
| António José de Ávila, 1.º conde de Ávila, 1.º marquês e 1.º duque de Ávila e Bolama (4.1.1868-22.7.1868) | 596 |
| Bernardo de Sá Nogueira e Figueiredo, 1.º barão, 1.º visconde e 1.º marquês de Sá da Bandeira (22.7.1868-11.8.1869) | 614 |
| Nuno José Severo de Mendonça Rolim de Moura Barreto, 9.º conde de Vale dos Reis, 2.º marquês e 1.º duque de Loulé (11.8.1869-19.5.1870) | 624 |
| João Carlos Gregório Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira e Daun, 1.º conde, 1.º marquês e 1.º duque de Saldanha (19.5.1870-29.8.1870) | 634 |
| Bernardo de Sá Nogueira e Figueiredo, 1.º barão, 1.º visconde e 1.º marquês de Sá da Bandeira (29.8.1870-29.10.1870) | 640 |
| António José de Ávila, 1.º conde de Ávila, 1.º marquês e 1.º duque de Ávila e Bolama (29.10.1870-13.9.1871) | 646 |
| António Maria de Fontes Pereira de Melo (13.9.1871-5.3.1877) | 654 |
| António José de Ávila, 1.º conde de Ávila, 1.º marquês e 1.º duque de Ávila e Bolama (5.3.1877-29.1.1878) | 674 |
| António Maria de Fontes Pereira de Melo (29.1.1878-1.6.1879) | 682 |
| Anselmo José Braamcamp de Almeida Castelo Branco (1.6.1879-25.3.1881) | 688 |
| António Rodrigues Sampaio (25.3.1881-14.11.1881) | 706 |
| António Maria de Fontes Pereira de Melo (14.11.1881-20.2.1886) | 722 |
| José Luciano de Castro Pereira Corte Real (20.2.1886-14.1.1890) | 730 |
| António de Serpa Pimentel (14.1.1890-13.10.1890) | 760 |
| João Crisóstomo de Abreu e Sousa (13.10.1890-17.1.1892) | 774 |
| José Dias Ferreira (17.1.1892-22.2.1893) | 794 |
| Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro (22.2.1893-7.2.1897) | 812 |
| José Luciano de Castro Pereira Corte Real (7.2.1897-25.6.1900) | 826 |
| Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro (25.6.1900-20.10.1904) | 834 |
| José Luciano de Castro Pereira Corte Real (20.10.1904-20.3.1906) | 840 |
| Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro (20.3.1906-19.5.1906) | 850 |
| João Ferreira Franco Pinto Castelo Branco (19.5.1906-4.2.1908) | 862 |
| Francisco Joaquim Ferreira do Amaral (4.2.1908-25.12.1908) | 878 |
| Artur Alberto de Campos Henriques (25.12.1908-11.4.1909) | 888 |
| Sebastião Custódio de Sousa Teles (11.4.1909-14.5.1909) | 902 |
| Venceslau de Sousa Pereira Lima (14.5.1909-22.12.1909) | 914 |
| Francisco António da Veiga Beirão (22.12.1909-26.6.1910) | 942 |
| António Teixeira de Sousa (26.6.1910-5.10.1910) | 970 |
| Fontes e Bibliografia | 1004 |
| Índice de quadros | 1033 |
| Plano Geral | 1034 |

Introdução

O estudo das elites políticas no Portugal Contemporâneo constitui um tema que, durante muito tempo, foi praticamente ignorado por investigadores da história política, mais preocupados com os acontecimentos e protagonistas dos factos que interpretavam, e menos com a elite que detém ou consubstancia o poder numa determinada conjuntura. E, no entanto, a definição conceptual de «elite» e a problemática das «elites políticas», «classe política», «classe dirigente» ou «poder político» no mundo anglo-saxónico — expressões diferentes que não podem identificar-se —, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) têm sido questões amplamente debatidas na Ciência Política.

Com efeito, os conceitos de «elite» ou «elite política» têm distintas significações, não só no tempo histórico (se é que se podem aplicar a alguma realidade histórica precisa) como no presente. Sublinhe-se, aliás, que o conceito de «elite», que entrou na língua francesa no século XII e que assumiu no século XIV o significado de «eleito», «escolhido», «eminente», «o que há de melhor», só na segunda metade do século XIX passou a ser usado em Portugal, o que justifica, neste caso, a sua tardia utilização nas Ciências Sociais e Humanas.

No plural, a expressão indica «as pessoas que, num dado setor, ocupam um posto superior, em virtude do nascimento, da inteligência ou da riqueza», o conjunto daqueles que, na expressão de Pareto, demonstram «índices mais elevados nos respetivos domínios em que exercem a sua atividade». Mas, quer no singular, quer no plural, o vocábulo aparece contraposto a massa, multidão, a demonstrar, como sublinhou Busino, que estas são dirigidas por uma minoria, aristocracia ou classe dirigente.

Não cabe agora teorizar sobre os diferentes conceitos de «elite política» e muito menos de «elite», conceito com significações e conteúdos ambíguos e não raras vezes de utilização contraditória. Nem abordar a formação dos «grupos dominantes», a sua transformação/substituição e as suas relações com as massas, a legitimidade do poder que a elite política exercita ou monopoliza, ou ainda, a natureza, características e qualidades que a individualizam em Portugal.

Não porque tal abordagem e discussão não sejam importantes. A utilização, no que ao Portugal Contemporâneo diz respeito, do conceito de «elite política» para diferentes fenómenos, ou da identificação de elite política como «classe governante» ou «classe política», sem se curar de saber qual o grau de consciencialização e de coesão existente no universo sociológico que se apresenta ou que se pretende caracterizar, levanta problemas que não se podem ignorar.

Mas agora, e em sintonia com outras abordagens pragmáticas da historiografia portuguesa sobre as elites políticas, identificar-se-á a elite política portuguesa com a minoria que detém o poder, neste caso, e simplificando, as personalidades que assumiram os cargos de titulares de órgãos de soberania, mas também os magistrados administrativos que desempenharam elevadas funções na hierarquia do Estado, ou em corpos administrativos locais, mesmo sabendo que nem todos se inscrevem na categoria «elite política».

Nesta perspectiva, importa fazer uma breve síntese dos estudos das personalidades que integraram a elite política portuguesa dos séculos XIX e XX — presidentes da República, membros e chefes do Governo, deputados, pares do Reino, senadores, presidentes das principais câmaras municipais, governadores civis — de forma a melhor se apreender o papel que o CEPESE — Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, da Universidade do Porto, responsável pelo presente trabalho, tem desempenhado em tal investigação, bem como a situar a obra que agora se edita na Imprensa Nacional-Casa da Moeda, sob o patrocínio da Presidência do Conselho de Ministros.

É certo que numerosas figuras políticas do Portugal Contemporâneo já encontraram o seu biógrafo. Mas pouco se sabe, ou com imprecisões sucessivamente reiteradas, sobre muitas das personalidades que desempenharam funções de primeiro plano, quer na administração central, quer na administração regional, municipal e colonial.

O caminho para a recolha e publicação das notícias biográficas dos políticos portugueses foi trilhado cedo, designadamente em 1822, com João Gorjão a redigir a *Galeria dos Deputados das Cortes Geraes e Extraordinarias e Constituintes da Nação Portuguesa*, a que só duas décadas depois se seguiram outras publicações, de pequena dimensão, maioritariamente devidas a iniciativas de parlamentares, com o objetivo de dar a conhecer governantes e deputados, e que constituem preciosas fontes para a história política contemporânea.

Assim, da autoria do deputado João de Azevedo Sá Coutinho, saiu em 1845 o *Quadro politico, historico e biographico do Parlamento de 1842 por um eremita da Serra de Arga*, obra na qual se apresentam os «retratos» de três dezenas de parlamentares. Já em 1858, Aprígio Fafes (pseudónimo de Eduardo Tavares, também mais tarde deputado) publicou duas pequenas obras: *Galeria Pittoresca da Camara dos Pares contendo uma apreciação imparcial de cada um dos seus membros da Camara hereditaria*, bem como *Galeria parlamentar ou para-lamentar, contendo uma apreciação imparcial de cada um dos membros do Parlamento da actual legislatura de 1858*. A partir de 1866, publicaram-se as estatísticas do pariato português, atualizadas em 1875, 1879, 1885, 1889, 1899 e, finalmente, em 1910, sob o título *Estatística do Pariato Portuguez desde a sua fundação até 31 de Dezembro de 1909*.

Só no final do século surgiu uma obra de maior fôlego nesta matéria: entre 1887 e 1892, Clemente José dos Santos (barão de São Clemente) lançou as suas valiosas *Estatísticas e biographias parlamentares portuguezas*, em seis tomos, onde, além de relatar «os factos mais importantes da vida parlamentar em Portugal, desde o alvorecer das liberdades públicas», fornece «interessantes traços biográficos dos homens que mais se avantajaram no Parlamento português». Também de forma extensa, em 1905, José Marcelino de Almeida Bessa apresentou o quadro cronológico dos Ministérios desde 1830 no seu *Annexo ao Manual Parlamentar*, consignando alguns factos que considerou mais notáveis, a relação alfabética dos senadores que fizeram parte da Câmara

criada em 1838 e a lista alfabética dos deputados eleitos para as diversas legislaturas, entre 1834-1905.

Já na República, em 1911, reatou-se o exemplo de 1822, em *As Constituintes de 1911 e os seus deputados* (obra «compilada e dirigida por um antigo oficial da Secretaria do Parlamento», Eduardo Rodrigues Cardoso de Lemos), com notícias biográficas dos parlamentares que fizeram parte daquela Assembleia, e não uma seleção como acontecera nas obras anteriores. Iniciativa idêntica não se verificou para as Câmaras do Parlamento republicano que a seguir passou a funcionar. E, durante o Estado Novo, apenas há a registar o facto de os *Anais da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa*, a partir de 1936, terem inserido notícias biográficas de deputados e outras figuras públicas, mas sem carácter sistemático e contínuo.

Só nos finais de Novecentos estes estudos ganhariam outra dinâmica. Em 1986, a Assembleia da República publicou uma obra de grande utilidade e sistematização, da autoria de Manuel Pinto dos Santos, *Monarquia Constitucional. Organização e relações do poder governamental com a Câmara dos Deputados 1834-1910*.

Para algumas legislaturas da Assembleia da República das últimas duas décadas, aquele órgão de soberania publicou também as *Biografias dos Deputados*, mas com informação muito sintética e irregular.

Na VII Legislatura da Assembleia da República (1995-1999), um dos coordenadores do presente estudo, então deputado à Assembleia da República, enquanto presidente da Comissão do Património do Parlamento, na sequência da iniciativa já tomada em legislatura anterior por António Barreto, teve oportunidade de lançar um vasto projeto de investigação, para o qual convidou historiadores da época contemporânea, destinado a produzir um dicionário biográfico dos parlamentares portugueses, desde 1820 até 1974.

No âmbito desse projeto, na *Coleção Parlamento* que a referida Comissão então criou, foram publicadas as obras *Parlamentares e Ministros da 1.ª República (1910-1926)*, dirigida por Oliveira Marques; o *Dicionário do Vintismo e do Primeiro Cartismo (1821-1823 e 1826-1828)*, tendo como coordenadora Zília Osório de Castro; e o *Dicionário Biográfico Parlamentar (1834-1910)* e (1935-1974), sob a responsabilidade de Maria Filomena Mónica para a Monarquia Constitucional, e Manuel Braga da Cruz e António Costa Pinto para o Estado Novo, trabalhos estes que vieram colmatar uma importante omissão da nossa História Contemporânea.

Ainda no âmbito da *Coleção Parlamento*, editaram-se, entretanto, as biografias de numerosos deputados, nomeadamente de Fontes Pereira de Melo, Rodrigues de Freitas, Correia Barreto, Cunha Leal, Neto Paiva, Vitorino Henriques Godinho, duque de Ávila e Bolama, Félix Pereira de Magalhães, Manuel Fernandes Tomás, Mouzinho da Silveira, António Lino Neto, José Estêvão de Magalhães, António José de Almeida, Sebastião de Magalhães Lima, Mariano Cirilo de Carvalho, Pimenta de Castro, Pinheiro Chagas, Bernardino Machado, António Granjo, José Domingues dos Santos, Machado

Santos, João Marcelino Arroio, Álvaro de Castro, João Pereira Bastos, Afonso Costa, Ramada Curto, Manuel Brito Camacho e António Maria da Silva, sendo de esperar ainda mais títulos.

Registe-se também, na mesma coleção, a edição de outros estudos, como: *As Mulheres Deputadas e o Exercício do Poder Político Representativo em Portugal do Pós-25 de Abril aos Anos Noventa*, de Maria Amélia Clemente Campos; *A Assembleia Nacional no Pós-Guerra (1945-1949)*, de Rita Almeida Carvalho; *Nem Ditadura, nem Revolução. A Ala Liberal e o Marcelismo (1968-1974)*, de Tiago Fernandes; *Os Deputados da Assembleia Nacional 1935-1974 e Os Procuradores da Câmara Corporativa 1935-1974*, de José Manuel Tavares Castilho; *Candidatos da Oposição à Assembleia Nacional do Estado Novo (1945-1973): Um Dicionário*, de Mário Matos e Lemos; e o *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*, em três volumes, sob a coordenação geral de Maria Fernanda Rollo.

Fora do âmbito parlamentar, a partir da segunda metade do século XIX, surgiram vários estudos, que constituem valiosos contributos para a história biográfica dos políticos portugueses.

Da centúria de Oitocentos, são de destacar: *O Conde do Bomfim: noticia dos seus principaes feitos*, assinado por G. N. e publicado em 1860; *Noticia dos Ministros e Secretarios d'Estado do Regimen Constitucional nos 41 annos decorridos desde a Regencia installada na Ilha Terceira em 15 de Março de 1830 até 15 de Março de 1871*, publicado pela Imprensa Nacional em 1871, com apontamentos biográficos de quase uma centena de ministros, um quadro cronológico por ministérios e uma «estatística ministerial»; do mesmo ano, de Ferreira Lobo, *As confissões dos Ministros de Portugal (1832 a 1871)*, com indicação das respectivas datas de posse; *O marquez de Sá da Bandeira: biographia fiel e minuciosa do illustre finado*, de André Meireles de Távora do Canto e Castro, dado à estampa em 1876; Luz Soriano publicou, em dois volumes, *Vida do marquez de Sá da Bandeira e reminiscencia de alguns dos sucessos mais notáveis que durante ella tiveram logar em Portugal (1887-1888)*; António Viana compilou em 1894 *Documentos para a Historia Contemporanea. José da Silva Carvalho e o seu Tempo*, cuja documentação se reporta essencialmente às décadas de 1830 e 1840; e, ainda, *Luctas Caseiras. Portugal de 1834 a 1851*, de Marques Gomes, publicado em 1899, que regista numerosas biografias de políticos na época referida, dando conta de aspetos inéditos e singulares da sua vida.

Já no início do século XX, saíram os sete volumes de *Portugal. Diccionario Historico, Chorographico, Heraldico, Biographico, Bibliographico, Numismatico e Artístico*, de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, de carácter enciclopédico, incluindo também diversas biografias de políticos. Em 1959, António Manuel Pereira lançou a obra *Governantes de Portugal desde 1820 até ao Dr. Salazar*. E, em 1972, a Secretaria de Estado da Informação e Turismo publicou *Orgânica Governamental, sua evolução e Elencos Ministeriais constituídos desde 5 de Outubro de 1910 a 31 de Março de 1972*.

Bem mais recentemente, ressalta o carácter inovador do estudo coordenado por Zília Osório de Castro, *Lisboa 1821. A Cidade e os Políticos*, de 1996; *Chefes*

de Estado — Biografias, uma edição do Centro de Documentação e Informação da Presidência da República do mesmo ano; *Os Presidentes e os Governos da República no Século XX*, em 2000, de Alberto Laplaine Guimarães, Bernardo Ayala, Manuel Machado e Miguel António, que esteve na origem, em 2011, de *Os Governos da República 1910-2010*, dos mesmos autores, trabalho mais bem estruturado e desenvolvido sobre os Presidentes da República e os Primeiros-Ministros, contendo ainda as listas dos membros dos sucessivos Governos; *Os Presidentes da República Portuguesa*, coordenado por António Costa Pinto, de 2001; já em 2011, *Presidentes de Portugal*, do Museu da Presidência da República, coordenado por Diogo Gaspar, que em 2006 tinha assegurado a coordenação das *Fotobiografias* dos Chefes de Estado portugueses; e finalmente, em 2014, o *Dicionário biográfico do poder local em Portugal, 1936-2013*, de Maria Antónia Pires de Almeida.

Relativamente aos monarcas que governaram Portugal desde a fundação da nacionalidade à implantação da República, reparam-se duas coleções de carácter exaustivo, ambas editadas pelo Círculo de Leitores: *Reis de Portugal*, obra em 34 volumes, dirigida por Roberto Carneiro e com coordenação científica de Artur Teodoro de Matos e João Paulo Oliveira e Costa, lançada originalmente em 2005; e *Rainhas de Portugal*, que apresenta as biografias das rainhas consortes, sob coordenação de Ana Maria Rodrigues, Isabel dos Guimarães Sá e Manuela Santos Silva, num total de 18 volumes publicados entre 2011-2014. A par desta coleção, foram ainda publicados dois volumes sobre os reis consortes, D. Pedro III e D. Fernando II.

Essencial para se conhecer os titulados que, até 1910, desempenharam cargos políticos, avultam obras como: *Resenha das Famílias Titulares do Reino de Portugal*, da autoria de Albano da Silveira Pinto, publicado pela Imprensa Nacional, em dois volumes, no ano de 1883; *Memórias Historico-Genealógicas dos Duques Portuguezes do século XIX*, da autoria de João Carlos Torres e visconde de Sanches de Baêna, de 1883; já no século XX, em 1932-1934, foi publicado o *Livro de Oiro da Nobreza*, uma obra em três volumes, de Domingos Afonso e Rui Travassos Valdez, que teve uma edição fac-similada em 1988; e em 1960-1961 surgiram os três volumes sobre *Nobreza de Portugal e do Brasil*, com direção de Afonso Eduardo Martins Zúquete (com reimpressão em 1989).

Por outro lado, foram também publicadas, a nível regional, diversas obras de carácter biográfico, de que são exemplo: *Quarenta e dois parlamentares da Monarquia pela Beira Baixa (1834-1910)*, de Francisco Lopes, dada a lume em 1958; *Políticos Açorianos — Nótulas Biográficas*, de Jacinto Andrade, lançada em 1996; bem como, *100 anos da República. Deputados, Procuradores, Senadores e Ministros naturais do distrito de Braga*, de Joaquim da Silva Gomes, de 2010.

Com um âmbito mais específico e restrito, mas fornecendo contributos igualmente válidos para o conhecimento do mundo da política e seus protagonistas, que, além de funções políticas, exerceram outros cargos de relevo público, destacam-se, quanto às Forças Armadas, *Os Generais do Exército Português*, cujos três primeiros volumes foram dados à estampa entre 2003

e 2008, sob a coordenação dos coronéis Alberto Ribeiro Soares e António José Pereira da Costa; relativamente ao clero, *Os Patriarcas de Lisboa*, de 2009, com coordenação de Carlos Azevedo, Sandra Saldanha e António Boto de Oliveira; e no que concerne à magistratura, as obras *Do Erário Régio ao Tribunal de Contas. Os Presidentes*, de Judite Cavaleiro Paixão e Cristina Cardoso, de 1999, e o *Dicionário dos Desembargadores (1640-1834)*, de José Subtil, publicado em 2010.

Que a biografia é um género cada vez mais cultivado no nosso País, mormente sobre estadistas e políticos, prova-o o substancial número de obras que dessa natureza têm sido dadas à estampa nos últimos anos — e que, por essa razão, não cabe fazer aqui menção individualizada — sobre diversas personalidades, algumas delas revisitadas por diferentes autores, sendo assim objeto de estudos sucessivos, como tem sido o caso de Oliveira Salazar e Marcelo Caetano.

Como atrás se mencionou, o CEPESE tem produzido investigação neste domínio. Em 2002 saiu a obra *Os Governadores Cívicos do Distrito de Vila Real*, publicada no mesmo ano da excelente *História do Governo Civil de Lisboa*, dirigida por José Tengarrinha.

Em 2008, o CEPESE iniciou um projeto de investigação intitulado *Os Presidentes do Parlamento Português (1821-2012)*, com o objetivo de traçar as biografias dos presidentes das diversas Câmaras Parlamentares que existiram desde a introdução do regime liberal, projeto esse que deu origem à publicação, na *Coleção Parlamento*, da Assembleia da República, dos volumes relativos à I República (2012), ao Estado Novo (2015), à Monarquia Constitucional (2 tomos, 2016) e à III República (2017), coordenados por Fernando de Sousa e Conceição Meireles Pereira.

Ao nível dos presidentes das câmaras municipais, em 2009, o CEPESE lançou um estudo pioneiro em dois volumes quanto ao poder autárquico, sobre *Os Presidentes da Câmara Municipal do Porto (1822-2009)* e respetivo enquadramento legislativo, que foi objeto de uma nova edição em 2013, reformulada e aprofundada. Já em 2020, foi publicada a obra *Os Presidentes da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia (1834-2019)*, também em dois volumes.

Finalmente, em 2014, no âmbito do projeto de investigação *Os Governos Cívicos de Portugal. História, Memória e Cidadania*, o CEPESE editou *Os Governos Cívicos de Portugal. História e Memória (1835-2011)*, onde, pela primeira vez, de forma sistemática, se enumeram todos os governadores civis de Portugal desde a criação deste órgão em 1835 até à sua extinção formal em 2011, com informações relevantes quanto a estes magistrados administrativos.

Foi tendo em atenção a realidade existente que o CEPESE organizou um grupo de investigação sobre *Elites Políticas e Económicas do Portugal Contemporâneo*, que tem como objetivo desenvolver estudos históricos sobre as elites político-económicas portuguesas desde o vintismo até ao presente (tendo como pano de fundo, numa perspetiva comparativa, as elites de outros países europeus), e criar um portal na Internet com a identificação das

personalidades que integram e corporizam o poder político e económico nos últimos dois séculos.

Relativamente ao estudo dos Primeiros-Ministros de Portugal, importa dizer que o mesmo, de uma forma global, rigorosa e integrada estava por fazer, não havendo qualquer obra que tratasse aprofundadamente deste tema. Neste contexto, o CEPESE apresentou, em 2013, um projeto de investigação à Presidência do Conselho de Ministros, intitulado *Os Primeiros-Ministros de Portugal (1820-2015)* que, após ter sido aprovado, foi desenvolvido entre 2013-2015 e que agora se edita, com a finalidade de dar a conhecer as biografias das personalidades que exerceram tais funções, a atividade política mais relevante desenvolvida pelos mesmos, as grandes questões nacionais que surgiram durante os respetivos mandatos e a caracterização do perfil e das preocupações cívicas e políticas destas figuras. Trata-se de uma obra coletiva, na qual participaram, além de investigadores do CEPESE, historiadores e investigadores das Ciências Sociais de outros centros de investigação.

Por razões de vária ordem, desde logo, pela sua dimensão e pelo número de autores envolvidos, a edição da obra foi-se estendendo no tempo, de tal modo que se tornou imperioso incluir a biografia de António Costa, Primeiro-Ministro desde 2016, o que obrigou, concomitantemente, não só a refundir o estudo introdutório em função da entrada de novos elementos biográficos, mas também à atualização dos textos relativos aos antigos Primeiros-Ministros que ainda se encontram ativos, de forma a trazer o presente estudo até 2020.

Por fim, colocou-se a questão da seleção das personalidades que efetivamente foram Chefes de Governo, pelo que se estabeleceram critérios de opção de inclusão ou exclusão. Assim, optou-se por:

— não considerar os indivíduos que exerceram interinamente o cargo, em virtude das mais diversas circunstâncias, frequentemente por um breve período de tempo. Na Monarquia, dada a vacatura da Presidência do Conselho de Ministros, em virtude da saída do marquês de Saldanha, no contexto da Guerra Civil da Patuleia, entre abril e dezembro de 1847, dois ministros do Reino — Francisco Tavares de Almeida Proença e António de Azevedo Melo e Carvalho — asseguraram a chefia do Governo. Na I República, João do Canto e Castro assumiu como interino a chefia do Governo, na sequência do assassinato de Sidónio Pais, em dezembro de 1918. Já em tempos mais recentes, coube a Diogo Freitas do Amaral assumir o cargo, também de forma interina, após o acidente que vitimou Francisco Sá Carneiro. Outra situação de interinidade teve a ver com ausências (por motivos diversos) dos Primeiros-Ministros em efetividade de funções, que foram temporariamente substituídos por elementos do seu elenco ministerial: durante a Monarquia, refira-se o caso do marquês de Sá da Bandeira, que entre 12 de setembro e 6 de outubro de 1862, substituiu interinamente na chefia do Governo o marquês de Loulé; na I República, Norton de Matos foi interino por duas vezes no terceiro Governo de Afonso Costa, em 1917; por sua vez, Luís Maria Lopes assumiu de forma in-

terina a chefia do Governo de Ivens Ferraz, em finais de 1929; enquanto Vasco Almeida e Costa presidiu interinamente o Executivo no final do Governo de Pinheiro de Azevedo. Refira-se também que políticos que já haviam sido Primeiros-Ministros — e por isso figuram da lista selecionada para esta obra — asseguraram tais situações de interinidade, como aconteceu com Augusto de Vasconcelos, no Governo de Duarte Leite (1912), ou Afonso Costa (que posteriormente viria a ser novamente Primeiro-Ministro), no Governo de António José de Almeida (1916). Contemplámos, todavia, uma exceção no panorama traçado, que se justifica pela especificidade dos seus contornos: uma vez que João Chagas, após sofrer um atentado, recusou tomar posse do Executivo que lhe era destinado, José de Castro, que era já Primeiro-Ministro interino, manteve a interinidade até ao fim desse Governo, em 19 de junho de 1915, data em que foi empossado como Presidente de um novo Executivo, pelo que a sua biografia abrange os dois períodos, dada a ininterruptão das suas funções;

— não considerar a nomeação para a chefia do Governo sempre que à mesma não se seguiu o exercício efetivo de funções: no período monárquico é o caso do marquês de Valença, nomeado Presidente do Conselho de Ministros constituído após a Belenzada, em 4 de novembro de 1836, mas que nunca exerceu o cargo; já na I República, são exemplos João Chagas, atrás referido, indigitado em 15 de maio de 1915, sem ter sido efetivamente empossado (nem formalmente exonerado), e Francisco Fernandes Costa, nomeado e exonerado no dia 15 de janeiro de 1920;

— não considerar aqueles que, na sequência de revoluções ou contrarrevoluções, presidiram, mais ou menos efemeramente, a juntas governativas, quer as que não tiveram êxito e sucumbiram ao Governo de Lisboa, quer as que governaram o País após as referidas situações de convulsão política. No primeiro conjunto, incluem-se Francisco Xavier da Silva Pereira, conde das Antas, que presidiu à Junta Provisória do Governo Supremo do Reino, constituída no Porto, em 1846 (Patuleia); ou Henrique da Paiva Couceiro, Presidente da Junta Governativa do Reino de Portugal, criada em 1919 (Monarquia do Norte). Já no segundo grupo, que se caracteriza pela transitoriedade até à normalização após ruturas políticas, são de referir Norton de Matos, que encabeçou a Junta Constitucional composta após a destituição do Governo de Pimenta de Castro, e António de Spínola, que presidiu à Junta de Salvação Nacional formada no próprio dia da Revolução do 25 de Abril de 1974, mantendo-se em funções até meados do mês seguinte.

Por outro lado, decidiu-se considerar:

— os indivíduos que chefiaram Governos Provisórios, tais como Teófilo Braga em 1910-1911, e Palma Carlos, Vasco Gonçalves e Pinheiro de Azevedo, a seguir à Revolução do 25 de Abril de 1974;

— os que foram nomeados e tomaram posse do cargo, independentemente da eventual reduzida duração do seu mandato, de que os exemplos mais para-

digmáticos são os de Pedro de Sousa Holstein, duque de Palmela, empossado a 7 de fevereiro de 1842 e exonerado dois dias depois; e António Severim de Noronha, duque da Terceira, empossado a 26 de abril de 1851 e exonerado a 1 de maio seguinte;

— os políticos que, não tendo sido nomeados ou eleitos na forma prevista na lei, exerceram efetivamente as funções de Chefe do Governo, na sequência de golpes de Estado ou revoluções, começando por liderar juntas de governo, mas que logo encabeçaram Executivos: Sidónio Pais, Presidente da Junta Revolucionária formada em dezembro de 1917, que se manteve no poder até final do ano seguinte; e Mendes Cabeçadas, que presidiu à Junta de Salvação Pública saída do golpe militar do 28 de Maio de 1926, vindo a chefiar o primeiro Governo da Ditadura Militar.

A delimitação temporal dos mandatos destes Chefes de Governo constituiu, de igual forma, matéria controversa, pelo que também este aspeto não dispensou a definição de critérios sustentados pela razoabilidade e coerência com os anteriormente estabelecidos. Como durante quase todo o regime monárquico não houve tomadas de posse, adotou-se para esse período a data da nomeação para marcar o início de funções do Chefe de Governo. Já nos regimes posteriores, os mandatos são contabilizados a partir da data de tomada de posse que, embora ocasionalmente seja difícil de determinar, pode coincidir ou não com a data da nomeação, que, frequentemente, ocorreu um dia ou dois antes. Quanto ao fim do mandato, ele é determinado pelo término de funções como Chefe de Governo, não obstante ter-se previamente dado em certos casos a sua exoneração ou demissão, continuando em exercício do cargo, na qualidade de demissionário, até à tomada de posse do seguinte. Esta demarcação adquire excecional e pontualmente outros contornos no caso da ocorrência de convulsões políticas ou situação anómalas que alteram a observação do quadro normativo à época em vigor.

Assim, na obra que ora se publica, se há estudos de Primeiros-Ministros cuja ação é melhor conhecida (alguns deles foram já objeto de análise individualizada em obras publicadas), noutros casos apresenta-se investigação inédita sobre essas figuras e, por vezes, uma análise menos detalhada, ou porque a sua carreira foi menos profícua em realizações ou acontecimentos de relevo, ou pelo curto tempo em que exerceram funções de maior notoriedade, ou, ainda, devido à escassez de fontes a seu respeito.

As biografias encontram-se estruturadas segundo um modelo comum. Primeiro são apresentados os elementos de identificação e principais traços da vida cívica e política do biografado, para depois se desenvolver a sua ação como Primeiro-Ministro, incluindo a referência a eventuais Chefes de Governo interinos ou juntas governativas anteriores ao seu mandato, e a grandes questões nacionais e internacionais então ocorridas, se relevantes para o mandato em causa. Segue-se o quadro do elenco ministerial, com indicação de pastas e nomes, considerando eventuais remodelações. No final

de cada biografia, transcrevem-se textos da autoria do biografado e de terceiros considerados relevantes para a compreensão da sua ação governativa ou traços de personalidade. As biografias terminam com a indicação das fontes e bibliografia consultadas para a sua elaboração.

Nos casos em que um Chefe de Governo exerceu mandatos intercalados, apresentam-se entradas separadas, integrando cada uma os factos relativos ao mandato em causa. Nos casos em que o biografado exerceu dois ou mais mandatos consecutivos, apresenta-se uma única entrada, identificando-se as datas extremas do período em que exerceu funções de Primeiro-Ministro.

Quanto aos limites cronológicos deste estudo, o seu início remete obrigatoriamente para a Revolução Liberal do Porto, em 1820, e o triunfo do liberalismo em Portugal, dando início, após a Constituição de 1822, ao período designado por Constitucionalismo Monárquico, que vai perdurar até 1910, malgrado duas incrustações de regime absoluto (1823-1826 e 1828-1834) que se registaram no período de consolidação do liberalismo.

Ora, no quadro da Monarquia Constitucional, a figura de Primeiro-Ministro, presidindo e coordenando o Conselho de Ministros, não consta de nenhum dos textos constitucionais — Constituição de 1822, Carta Constitucional de 1826 e Constituição de 1838. O Primeiro-Ministro, designado então por Presidente do Conselho de Ministros, apenas surge em 1834, quando o Gabinete foi constituído por Pedro de Sousa Holstein, marquês do Palmela, como ele próprio refere nas suas *Memórias*, «pelo método seguido nos outros países constitucionais, isto é, proposto todo pelo Presidente do Conselho, e por consequência, solidário e responsável pelos atos do poder executivo».

O cargo só veio a ser oficialmente criado por Carta de Lei de 23 de junho de 1855, referindo-se expressamente que o Presidente do Conselho de Ministros nomeado pelo Monarca é o Chefe do Ministério, que nessa qualidade convoca as reuniões do Conselho, ordinárias e extraordinárias, «tem voto sobre os negócios que nelas se tratarem e é solidariamente responsável com todos os outros ministros de Estado».

Nesta conformidade, optou-se por iniciar este estudo precisamente em 1834, fazendo-se todavia um apontamento biográfico das personalidades que, desde 1820, desempenharam funções de certo modo equivalentes, comparáveis ou equiparadas ao cargo de Chefe do Governo.

Deve finalmente notar-se que, na presente obra, a expressão «Primeiro-Ministro» é utilizada num sentido lato para designar o Chefe do Governo ou do Ministério ao longo de todo o período em estudo, correspondendo, num sentido mais estrito, ao «Presidente do Conselho de Ministros» durante a Monarquia Constitucional (1834-1910) e Estado Novo (1933-1974) e de «Presidente do Ministério» durante a 1ª República (1910-1926) e Ditadura Militar (1926-1933), uma vez que a designação «Primeiro-Ministro» só começa a ser utilizada oficialmente a partir da instauração da Democracia em 1974, mais concretamente com a Lei n.º 3/74, de 14 de maio, obtendo a sua consagração na Constituição de 1976, por contraposição ao anterior Presidente do

Conselho de Ministros que, como se sabe, durante o Estado Novo ditatorial, concentrava em si todo o poder.

O Primeiro-Ministro, juridicamente *primus inter pares*, Chefe do Governo designado na Inglaterra oitocentista por *First Lord of the Treasury* (1721) — o reconhecimento legal inequívoco do *Prime Minister* inglês data de 1937 —, que assegurava as ligações entre o Governo, o Parlamento e o Rei, acabou por ser transposto, como iremos ver, para o cartismo constitucional português, embora com poderes mais reduzidos do que o seu homólogo britânico. Mas nem por isso deixou de exercer, a partir de 1834, funções semelhantes às do Primeiro-Ministro inglês, isto é, de garantir as relações com o Parlamento e o Chefe de Estado; de ser, regra geral, o líder do partido político vencedor das eleições legislativas, indicando ou sugerindo os restantes membros do Governo entre personalidades da sua confiança; e de ser o responsável pela política geral do Governo, nomeadamente nos debates parlamentares.

Daí a razão de esta obra se intitular *Os Primeiros-Ministros de Portugal (1820-2020)*, isto é, os Chefes de Governo que se sucederam em Portugal desde a Revolução Liberal de 1820 até aos nossos dias.

Tendo em conta tudo quanto se deixou referido anteriormente, o presente trabalho estrutura-se da forma que a seguir se apresenta.

A primeira parte compõe-se de três capítulos. No primeiro aborda-se a lenta afirmação do cargo de Primeiro-Ministro em Portugal, desde a Revolução Liberal de 1820, em que se deteta a proeminência de determinados ministros em relação aos demais membros do Governo, passando pela instituição de facto do Chefe de Governo em 1834, ano a partir do qual passa a existir um Presidente de Conselho de Ministros, embora não consagrado jurídica e formalmente, facto que ocorre em 1855, com a referida Lei de 23 de junho, que institucionaliza finalmente o cargo.

O segundo capítulo analisa as experiências constitucionais em Portugal, identificando os órgãos e funções de Estado, para depois se debruçar sobre o órgão constitucional Primeiro-Ministro, desde 1820 ao presente, considerando os diferentes regimes — Constitucionalismo Monárquico, Primeira República, Ditadura Militar, Estado Novo e Democracia —, bem como a evolução que o mesmo teve em cada um deles.

No terceiro capítulo, ensaia-se uma abordagem sociológica dos Primeiros-Ministros em Portugal no arco temporal mencionado, sintetizando os aspetos fundamentais que têm a ver com a sua identidade e funções cívicas e políticas, de forma a obter-se resposta a uma série de questões, tais como a sua naturalidade, formação académica, profissão, idade à data de início de funções, número e duração dos mandatos e percurso político, para assim se traçar o seu perfil geral e apresentar uma visão de conjunto das personalidades que exerceram este cargo.

Depois de algumas notas em jeito de conclusão, segue-se o quadro sinóptico dos Primeiros-Ministros de Portugal, onde se apresentam, por ordem cronológica, os nomes (e títulos nobiliárquicos, quando aplicável) daqueles

que exerceram tais funções desde 1834 até à atualidade, e os principais elementos de identificação de cada um: naturalidade, profissão (ou profissões, já que muitas vezes têm duas ou mais ocupações profissionais marcantes), formação académica, filiação partidária, datas e locais de nascimento e de morte, outros cargos políticos exercidos, número e duração de mandatos, datas de início e termo de funções do cargo de Primeiro-Ministro, bem como a sua idade à época.

Sucedede-se a parte fulcral da publicação, as biografias dos Primeiros-Ministros de Portugal, estruturadas de acordo com a forma já referida, distribuídas pelos três volumes que compõem a obra e ordenadas cronologicamente pelos diferentes períodos histórico-políticos da contemporaneidade portuguesa. No primeiro volume (sob a forma de apontamentos biográficos e sumárias análises de ação política), a Revolução Liberal até à instauração definitiva do liberalismo (1820-1834) e a Monarquia Constitucional (1834-1910); no segundo, a Primeira República (1910-1926); finalmente, o terceiro volume integra o período da Ditadura Militar e Estado Novo (1926-1974) e o relativo à Democracia (1974-2020).

A obra termina com a indicação do conjunto de fontes e bibliografia consultadas para a sua realização.

Resta-nos agradecer a todos quantos permitiram a concretização desta obra e do projeto de investigação na qual ela se insere, nomeadamente ao Dr. Luís Marques Guedes, ministro da Presidência e dos Assuntos Parlamentares do XIX Governo Constitucional, pelo apoio e atenção que concedeu a este projeto desde o primeiro momento.

À Imprensa Nacional-Casa da Moeda, nas pessoas do Sr. Joaquim Melo, Dra. Paula Mendes e Dr. Duarte Azinheira, pelo cuidado colocado na produção e publicação da obra.

À FBA., gabinete responsável pelo *design* gráfico da obra, e em particular à *designer* Rita Marquito, que conosco trabalhou de forma mais direta.

Às quatro dezenas de investigadores que colaboraram neste estudo, pelas biografias que produziram.

Ao CEPESE — Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, pelo apoio que deu a este projeto, quer materialmente, quer em termos de recursos humanos, sobretudo aos nossos colaboradores permanentes que trabalharam no mesmo, Ricardo Rocha e Diogo Ferreira.

Fernando de Sousa, Conceição Meireles Pereira